

SEGUNDO TURNO

A uma semana da votação, o candidato do PT a presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, é tratado como presidente eleito por empresários, analistas e políticos, inclusive por partidários do candidato do PSDB, José Serra

CORREIO BRAZILIENSE

Lula chega lá

Rudolfo Lago,
Adriano Ceolin e
Fernanda Nardelli
Da equipe do **Correio**

Salvo um golpe sujo de última hora, o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, será eleito presidente do Brasil no próximo domingo, 27 de outubro, mesmo dia em que estará completando 57 anos de idade. Na semana passada, Lula mostrou que, na verdade, já governa. Na quinta-feira, ele e alguns de seus principais assessores na área econômica acenaram com a promessa de medidas, em caso de vitória, na linha desejada pelo mercado financeiro. O índice da Bolsa de Valores do Estado de São Paulo (Bovespa) subiu mais de 6%. O dólar, depois de sucessivos aumentos, começou a cair. Na sexta, todos os indicadores continuaram com sinal positivo.

As propostas do PT foram melhor recebidas pelo mercado do que o choque de juros promovido pelo Banco Central na última segunda-feira, quando a taxa básica de juros aumentou de 18% a 21%. A trajetória do dólar mostra isso. No dia 14, depois da reunião do Conselho de Política Monetária (Copom), a moeda americana fechou com alta de 1,05%, vendida a R\$ 3,86. Voltou a subir no dia 16, chegando a R\$ 3,92, alta de 1,82%. Com o anúncio das propostas de Lula para a área econômica, no dia 17, o mercado reagiu bem e o dólar fechou em baixa de 0,26%, a R\$ 3,91. Na sexta-feira, caiu para R\$ 3,87, em mais um dia de calmaria.

"Nada do que o presidente Fernando Henrique Cardoso fizesse na quinta-feira teria o mesmo efeito positivo das declarações de Lula. A reação do mercado é, dos

fatos da semana, a demonstração mais contundente de que, na percepção das pessoas, Lula já é o próximo presidente da República", avalia o cientista político Wálter de Góes, do Instituto Brasileiro de Estudos Políticos (Ibep). O mercado ratifica a impressão de Góes. "É óbvio que os investidores já trabalham com a vitória de Lula", reconhece Álvaro Vidigal, presidente do conselho do Banco Paulista. "Hoje, 90% dos analistas operam considerando Lula como presidente da República eleito",

emenda Alexandre Maia, economista-chefe da consultora Gap Asset Management.

Ontem, Lula reuniu 80 pessoas em um hotel de São Paulo (*leia mais na página 8*). Eram empresários, líderes sindicais e dirigentes de Organizações Não-Governamentais (ONGs). Foi o primeiro encontro do futuro Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social. É o início do pacto, um grande entendimento nacional que Lula prega para o país. "Eis a razão da vitória de Lula nessas eleições: todos os seto-

res da sociedades estão dispostos e prontos para esse diálogo", afirma o senador Amir Lando (PMDB-RO), que aderiu ao petista na semana passada.

Os dois fatos são os sinais mais evidentes de uma impressão que o **Correio Brasileiro** colheu junto a diversos observadores das eleições brasileiras dos mais variados setores. Mesmo junto a eleitores de Serra há quem já tenha jogado a toalha. Como o coordenador da campanha do candidato do PSDB no Rio Gran-

de do Sul, o ex-deputado Luiz Roberto Ponte. Ele pede votos para Serra em um dos estados em que o candidato do PSDB tem seus melhores desempenhos. No final da semana passada, no entanto, os índices de Lula também ali começavam a subir. "Lula só não ganha a eleição no próximo domingo se houver um acidente", admite.

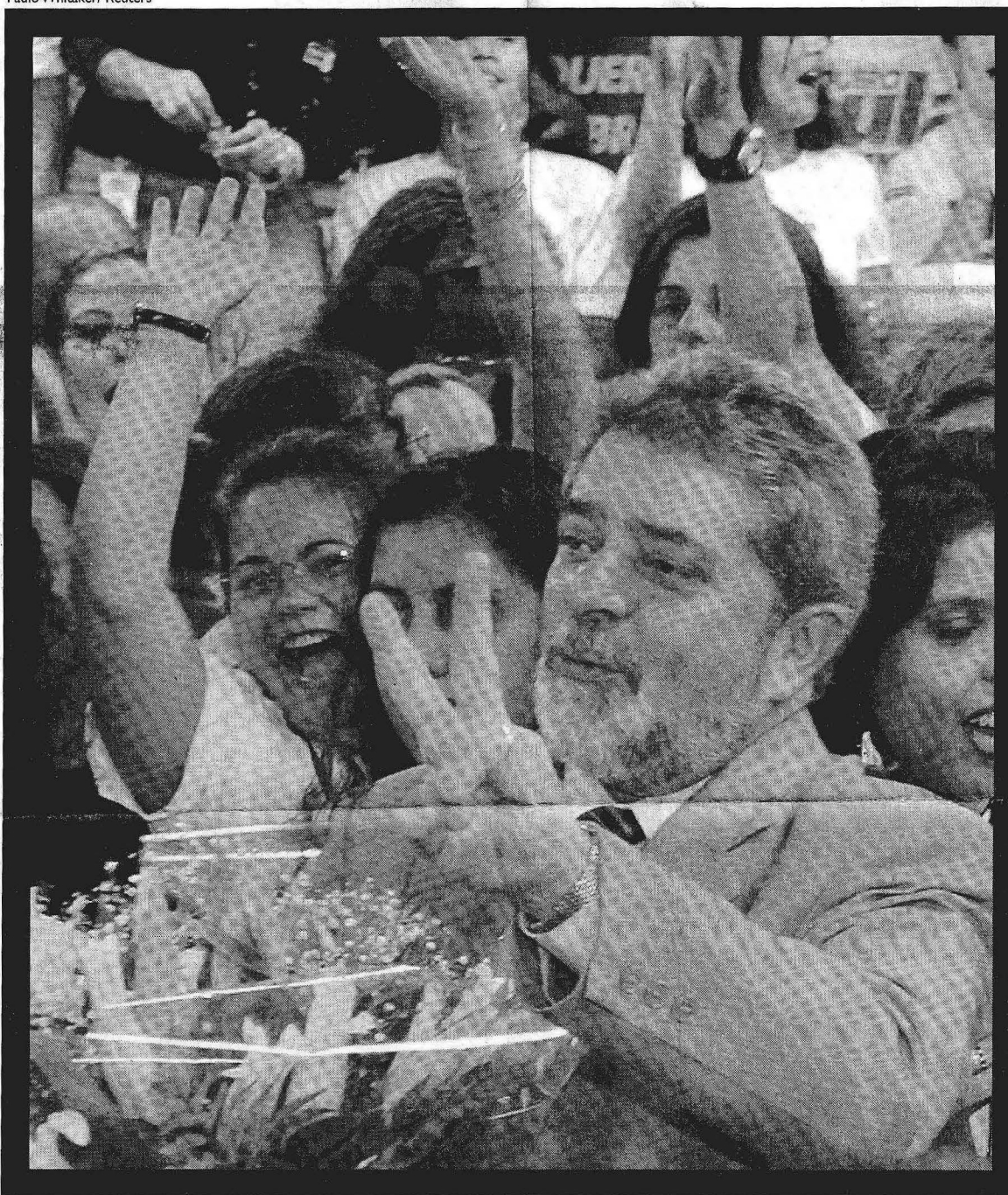
É praticamente a mesma frase dita pelo próprio Lula na quinta-feira à noite ao participar, em São Paulo, de um jantar com empresários organizado pelo presidente da Valisère, Ivo Rosset. No apartamento de Rosset nos Jardins, zona sul de São Paulo, entre goles de uísque, Lula disse: "Se as coisas continuarem como estão, só um cataclisma". Acidente, catástrofe, cataclisma. Somente na companhia dessas palavras, a vitória de Serra é admitida. "Só uma catástrofe. É uma diferença de 30 milhões de votos", observa a cientista política Lúcia Hipólito. "Precisaria haver um fato novo muito forte. Não diria que é impossível. Mas, certamente, Serra vencer não é mais algo provável", reconhece outro aliado de Serra no segundo turno, o presidente do PFL, Jorge Bornhausen (SC).

Dizer que a virada de Serra não é impossível é quase bondade de Bornhausen. Para que isso se tornasse realidade teria sido necessário que Serra tivesse aumentado significativamente o percentual de votos que obteve no primeiro turno e crescesse seguidamente nas últimas duas semanas. Nada disso aconteceu. Ao contrário, de acordo com a pesquisa do Instituto Datafolha, divulgada ontem, Lula subiu três pontos percentuais em comparação com levantamento anterior. Passou de 58% para 61%. Enquanto isso, Serra permaneceu estacionado em 32%.

"SERIA PRECISO UM FATO NOVO, MUITO FORTE, PARA QUE LULA NÃO SE ELEJA NO PRÓXIMO DOMINGO"

JORGE BORNHAUSEN
presidente do PFL e
senador por Santa Catarina.
Eleitor de Serra

Paulo Whitaker/ Reuters



"NÃO HÁ DÚVIDA. LULA ESTÁ ELEITO. NÓS JÁ ESTAMOS VIVENDO O PROCESSO DE TRANSIÇÃO"

WALTER DE GÓES
Cientista político, do Instituto
Brasileiro de Estudos
Políticos (Ibep)